

Solidão: modo de usar

A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ É NECESSÁRIA E SUA IMPOSSIBILIDADE CAUSA INCALCULÁVEL PREJUÍZO PSÍQUICO



CHRISTIAN INGO
LENZ DUNKER,
psicanalista, professor
livre-docente do Instituto de
Psicologia da Universidade
de São Paulo (USP)

Depois da tragédia de Realengo, no qual um homem que vivia isolado retorna para se vingar da escola e dos colegas que o teriam repudiado, vários serviços de saúde receberam denúncias sobre solitários contumazes. A razão diagnóstica adora devorar tragédias. Elas nos convidam a reconhecer algo que está suprimido em determinada configuração social; não são espécies que se incluem em classes pré-constituídas, mas desafios para nossa imaginação política e psicológica.

Georg Lukács, em seu clássico *A teoria do romance* (Editora 34, 2000), mostrou que o herói moderno se situa necessariamente entre o crime e a loucura, pois estas são as duas formas fundamentais de desterro. O herói é alguém que vive radicalmente a distância em relação a si mesmo e ao outro, seja como tensão entre o ser e o dever ser, seja como cisão interna, seja como oposição entre vida real e ideal. Lembremos que Dom Quixote, Hamlet, Don Juan ou Fausto são figuras do desterro e do autoexílio, personagens que escolhem não ter lugar. Daí que a solidão seja o sentimento essencial da tragédia, o isolamento, a experiência central da epopeia, e a confiança, o tema-chave do romance.

A conclusão cristalina vale tanto para a literatura como para a psicanálise: sem a experiência da própria solidão a vida nos parecerá postiça, artificial ou vulgar. A verdadeira e produtiva viagem solitária pode ser feita a dois, em grupo e até mesmo em meio à dissolução do indivíduo na massa, mas o pior mesmo é tentarmos evitá-la. A solidão é uma das faces do que os psicanalistas chamam de separação ou de castração. Nela o objeto com o qual nos identificamos para cobrir nossa falta e a nossa falta no outro é finalmente deslocado de sua função encobridora. Experiência simbólica por excelência, traz consigo não apenas a separação para com os demais,



mas a distância e o estranhamento com relação a si. Solidão não é apenas introspecção ou introversão, mas dissolução da própria solidez do ser.

Ocorre que há certas situações de exclusão social, preconceito, segregação e supressão da diferença que promovem uma espécie de falsa solidão. Elas parecem dar corpo imaginário ao fracasso de relacionar-se. Assim, a solidão é substituída pela indiferença para com o outro, vazio ocupacional ou ressentimento. Por meio desses subterfúgios nunca estamos sozinhos.

O prejuízo psíquico causado pela impossibilidade de estar só é incalculável. Interpretamos a ausência do outro como recusa de reconhecimento, reduzimos a experiência produtiva de solidão ao desamor, abandono ou devastação. Instilamos a luta imaginária para provar quem precisa menos do outro.

É porque a solidão é tão rara e tão difícil de construir que surgem tais patologias ligadas a ela. São maneiras de se defender, de se mimetizar ou de exagerar um processo benéfico a ponto de sua finalidade tornar-se irreconhecível ao próprio sujeito. Tipicamente isso se expressa em sentimentos aparentados da solidão: o vazio, a irrelevância, a inadequação e a menos-valia. E, em geral, vêm depois de uma maratona de consumo, do início das férias, da crônica insônia, do fim de namoro que não termina nunca. Aparece como a recusa do fato trágico da solidão. Os protagonistas dos grandes romances do século 19 tinham na ironia um recurso formal de retratar esse processo, como em *Brás Cubas* ou *Bentinho*, do nosso Machado de Assis. Nada menos trágico do que aquele que se leva a sério demais em sua própria falsa solidão. Por isso, antes de suspeitar da normalidade do vizinho solitário, vejamos se ele não está nos fazendo lembrar nossa própria solidão maltratada.